

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

161

INSCRIÇÕES 632-634



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



GRAFITO DE SANTA BÁRBARA DE PADRÕES

Achou-se em Santa Bárbara de Padrões, sítio que se identifica com a *Arannis* do chamado *Itinerário de Antonino*,¹ o fundo de um prato de *terra sigillata*, em três fragmentos, que se colaram: há quase metade do pé (gasto pelo uso) e mais de um terço da superfície (FIG. 1). Ostenta um grafito, sensivelmente a meia altura, riscado segurando-se o prato pelo pé, de modo que ficou invertido em relação à posição normal do recipiente (FIG. 2).

Faz parte do espólio recolhido, em 2013, no decorrer das escavações de Santa Bárbara de Padrões, numa entulheira a sul do cemitério de Santa Bárbara. Não é uma lixeira, porque as lixeiras têm uma sequência estratigráfica que resulta da deposição sucessiva de lixos vários, enquanto que uma entulheira, como é o caso vertente, resulta da deposição simultânea de entulhos que procederam de alguma obra e que foram lançados, aqui, numa antiga pedreira aberta no afloramento de grauvaque. A 1 m de profundidade, encontrámos um ceitel de D. João II, proveniente, quiçá, do local onde, por essa época, se construiu a igreja, em estilo gótico final muito pobre. Os materiais surgem, pois, sem uma sucessão cronológica: cerâmica de tipo Kuass, do século II a. C., estava, por exemplo, ao lado de fragmentos de ânforas béticas do II d. C.

O fragmento, de tipologia indeterminada, é passível de ser

¹ Identificação que Maria Garcia Pereira Maia apontou em 2000 (*Levantamento da Carta Arqueológica da Freguesia de Cachopo*, Campo Arqueológico de Tavira, Tavira, p. 22-24) e que João Pedro Bernardes viria a confirmar, com mais argumentos, em 2006: «A propósito da localização de Aranni/Arandis» *Conimbriga*, 45, p. 153-164. Anote-se, porém, que Manuel Maia já na década de 90 sugerira essa hipótese em texto publicado no *Diário do Alentejo*. Ainda que publicado com o nome de Maria Maia, o trabalho sobre esse *Levantamento da Carta Arqueológica de Cachopo* foi coordenado por Manuel Maia, na sua qualidade de técnico do Instituto Português de Arqueologia, contando com Alexandre Viegas Cesário, Isabel de Almeida Cesário e Joaquim Câmara Manoel como colaboradores.

classificado como de produção sudgálica, datável do século I. Tem 14 cm de comprimento por 7 cm de largura; o pé mede 8 cm de diâmetro e 0,7 cm de espessura. Está guardado, como todo o material de Santa Bárbara, no Museu da Lucerna, em Castro Verde, e integra actualmente a exposição *100 Anos de Mediterrâneo em Castro Verde*.

APRILIS.
De Aprilis.

Altura das letras: A = 1,6; P = 0,8; R = 1; I = 0,9; L = 1,1; I = 0,8; S = 1, 7.

Em caracteres cursivos, a gravação, feita com estilete pontiagudo mas não totalmente afeiçãoado, denuncia várias passagens, de que resultaram sulcos esborcinados, de contornos irregulares, sem grande perícia. O A assume uma forma que Battle² classifica «de escrita vulgar» em que «persiste o tipo arcaico»; é como o lambda grego, tendo o travessão assinalado com singelo e breve risco vertical em baixo. O P foi mal conseguido, porque o gravador não logrou lançar a curvatura, de que resultou o aspecto de gota alongada. R de haste vertical sobre que assenta um traço longo e sinuoso (para sugerir a curvatura), que arranca bem de trás da haste vertical e se estende bastante para a frente; denota claramente dois movimentos repetidos: o de cima para baixo a fim de gravar a haste vertical e o de trás para a frente, do resto do desenho da letra, feito inicialmente de uma só vez, mas repetido depois para se obter maior profundidade. Os dois II assemelham-se. O L tem a perna inusitadamente longa e oblíqua para baixo. S muito esguio e comprido.

Aprilis é um genitivo de posse. Posse do próprio prato ou, mais verosimilmente, do lote de pratos de que este seria o primeiro, identificador do destinatário. Trata-se de um nome etimologicamente latino, de que, na Lusitânia, se chegou a indicar um primeiro testemunho, de *Conimbriga* (CIL II 393 = FC II 74)³, se não estivéssemos perante uma mais que duvidosa reconstituição de Hübner, a partir do manuscrito do Vaticano atribuído a Iohannes

² BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, 2ª edição, 1963, p. 11, fig. 3, forma nº 11.

³ FC II = ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÉQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris, 1976.

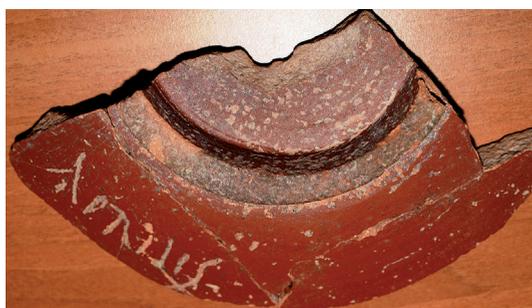
Metellus, que apenas traz *-ilis*. Em HEpOL apontam-se 17 testemunhos, entre os quais figura o nome do mês propriamente dito; há seis registos da olaria de um *Aprilis* em Tarragona e duma outra em Cuenca; de Lugo provém o grafito «inscrito en un fragmento de fondo sin determinar» relativo a um *Apri(lis) / Cama[li.f.]* (registo nº 26 524).

Kajanto⁴ incluiu-o, naturalmente, nos cognomes latinos relacionáveis com o calendário, concretamente o mês de Abril e contou, no seu tempo, no conjunto do CIL, 168 homens (dos quais 16 libertos ou escravos), 4 mulheres livres e mais 3 escravas ou libertas. Os 573 testemunhos da base de dados EDCS incluem também o nome do mês; ressalta, porém, desse rol, uma significativa percentagem do nome *Aprilis* associado a olarias. O *Aprilis* de Santa Bárbara de Padrões, se oleiro fora, não ‘assinaria’ desta forma; contudo, atendendo ao panorama, poderá ser hipótese não despicienda, ainda que não demonstrável.

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO
MANUEL MAIA



1



2

634

4 KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 219